

# ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Estética e Filosofia da Arte da UFOP

ISSN: 2526-7892

ARTIGO

## NATUREZA E SOCIEDADE NO WERTHER DE GOETHE<sup>1</sup>

*Marco Aurélio Werle<sup>2</sup>*

**Resumo:** Trata-se de uma abordagem do romance de Goethe, *Os sofrimentos do jovem Werther*, ressaltando o modo como o tema do amor é apresentado no horizonte dos temas da natureza e da sociedade.

**Palavras-chave:** amor, romance, Goethe, estética alemã, natureza.

**Abstract:** This is an approach to Goethe's novel *The Sufferings of the Young Werther*, highlighting how the theme of love is presented on the horizon of the themes of nature and society.

**Keywords:** love, romance, Goethe, German aesthetics, nature.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em: 12/05/2017 e aceito em: 04/07/2017

<sup>2</sup> Prof. de Estética do Departamento de Filosofia da USP. Endereço de email: mawerle@usp.br

No romance *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774) concentram-se os principais elementos da estética da juventude de Goethe: 1) de um lado, na ênfase no sentimento e na expressão imediata da paixão destaca-se uma crítica à estética predominante da época, marcada pela orientação dedutivista ou racionalista das poéticas tradicionais. Esse aspecto, também presente no livro VII de *Poesia e Verdade*, está fortemente contemplado nos *Escritos sobre arte* de Goethe: na resenha sobre as belas-arts de Sulzer e no texto sobre a catedral de Estrasburgo, no sentido de uma defesa do ponto de vista da obra e do artista, em oposição à mera teoria. Propõe-se uma arte que se estende para além da categoria do belo e lida com o sublime e a perspectiva do gênio, do sentimento, da criação, em oposição aos princípios gerais e à categoria da imitação. No romance essa oposição à mera teoria na arte ganha novos contornos. Embora emerga aqui e ali de uma maneira indireta, encontra-se sobretudo atuante na cosmovisão de Werther enquanto um todo; 2) de outro lado, vemos nesse romance confluírem também os esforços positivos de Goethe na direção da afirmação de uma proposta estética alternativa, que possa servir de base tanto para os próprios interesses poéticos de Goethe quanto para a possibilidade de uma poesia alemã: a estética do sentimento e da subjetividade individual, já esboçada em poemas menores da época, nos *Lieder* e no *Prometeu*, alcança aqui uma configuração romanesca mais ampla e livre.

Da mesma maneira, o novo espírito crítico de Herder, Lessing e Winckelmann animam a obra: do primeiro, Herder, que era seu grande mentor na época, provém, por assim dizer, toda a atmosfera popular e ingênua do romance, principalmente na primeira parte, além de referências como Homero e Ossian. A presença de Lessing coloca-se como referência crítica elevada. Note-se que a tragédia *Emília Galotti* se encontra sobre a escrivãzinha de Werther quando é encontrado morto. Já Winckelmann, embora Werther o enquadre como sendo um autor pedante, tal como Batteux, é um nome que se coloca como ideal de visibilidade que permeia todo o romance. Há uma incrível densidade imagética em cada carta de Werther e isso provém do estilo de Winckelmann, de seu entusiasmo na descrição da escultura antiga. Cada carta parece nos apresentar um quadro ou uma pintura, rapidamente esboçada em pinceladas fortes, com muita visibilidade. Enfim, o romance sobre o Werther, para além de uma obra literária que marcou época e desencadeou inúmeras reações na Europa, é uma síntese de um conjunto de questões propostas pela estética da juventude de Goethe.

Ao dizer isso, não se pretende aqui reduzir o romance a um *mero conjunto de teses estéticas*, como se o objetivo último de Goethe fosse o de defender teses filosóficas em forma literária. Assumir essa postura de leitura seria não compreender a articulação mais íntima do romance, já que nunca uma obra de arte autêntica tem como objetivo principal a defesa de teses filosóficas. Por outro lado, uma obra literária precisa também ser compreendida mediante uma análise de sua natureza específica. A abordagem que se segue, porém, não tem a pretensão de dar conta da inserção do romance no quadro da história da literatura ou da crítica literária. Trata-

se antes de uma certa impressão de leitura, que pretende compreender a obra literária em sua dimensão intelectual, filosófica e estética<sup>3</sup>.

Considerando o romance como um todo, pode-se dizer que na *primeira parte* trata-se principalmente do encontro entre Werther e Lotte (que é relatado na carta, a mais longa até aquele momento, do dia 16 de junho de 1771) e do desenvolvimento de uma paixão. Neste momento, pode-se dizer que o clima do romance é de alegria, de felicidade, quando se reflete uma sintonia entre o amor e a *natureza*. Apenas mais para o fim dessa parte é que começam a se mostrar os primeiros sinais da característica melancolia e tristeza de Werther, isso com a chegada de Albert. Na *segunda parte* começa a tragédia propriamente dita de Werther, e é significativo notar que, em oposição à primeira parte onde domina a natureza, surge aqui fortemente em primeiro plano o tema da *sociedade*, no caso específico de Werther, a incompatibilidade entre o indivíduo e a sociedade, e isso justamente quando Werther tenta encontrar uma ocupação na sociedade, um trabalho. Werther vai trabalhar com o embaixador ou ministro, mas logo descobre não ser destinado a esse tipo de ocupação. É então que resolve voltar a Lotte, retorno esse que nos revela um Werther alterado, não mais tão eufórico quanto no começo do romance, já dando sinais do trágico desenlace que viria pela frente. Nesse momento não habita mais no coração de Werther um amor inocente e sim já bastante doentio. Ao mesmo tempo, esse desacordo interior acirra a dicotomia entre a personalidade de Werther e a sociedade, o que o leva cada vez mais a se opor a Albert, seu rival. Diante disso, Lotte mesma solicita que ele se afaste, pois sua futura vida conjugal com Albert começa a ser ameaçada.

Vejamos mais de perto como se apresentam esses dois lados do romance, começando pela *primeira parte*: logo nas primeiras cartas nos deparamos com o caráter de Werther, com *seu mundo próprio*<sup>4</sup>. Esse mundo é marcado por uma subjetividade que transcende todos os limites racionais. Essa *alma* solitária, marcada pelo sentimento, impetuosidade, paixão intensa e imediata, encontra uma correspondência na *natureza*, que é ela mesma ampla e divina (carta de 10 de maio e início da carta de 12 de maio de 1771). Poderíamos pensar aqui num esquema tipicamente sublime, lembrando da caracterização de Longino, do sublime como sendo o “eco da grandeza da alma”<sup>5</sup>: *a amplitude da alma de Werther equivale à amplitude da natureza, diante da estreiteza da razão e da sociedade*. O mundo de Werther possui a marca de um cosmos, de uma amplitude que ultrapassa todas as delimitações se assemelha a um sonho (início da carta de 22 de maio de 1771). É por isso que Werther também poderá dizer que “ser incompreendido é o destino de muitos de nós” (carta de 17 de maio de 1771).

---

<sup>3</sup> Remeto ao ensaio de Luís Fernando Batista Franklin de Matos, “O solilóquio de Werther”, que analisa o romance segundo sua estrutura romanescas, partindo da forma do romance epistolar. Esse ensaio foi inicialmente publicado na Folha de São Paulo, Caderno “Mais”, no dia de 22 de agosto de 1999 e reelaborado para o livro *Arte e filosofia no idealismo alemão*. Matos ressalta principalmente a ideia de que o romance de Goethe lida com uma agilidade tipicamente dramática. De fato, notamos que o início alegre e o desfecho rápido e trágico são expedientes típicos do drama.

<sup>4</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 20

<sup>5</sup> LONGINO, Do sublime, p. 44

Com efeito, nesse romance está nascendo a *ideia de subjetividade* como atividade ilimitada, infinita, que está acima das regras e dos procedimentos formais e, de certo modo, acima da própria *linguagem*. Muitas vezes temos a impressão que Werther não consegue articular pela linguagem tudo o que sente, por exemplo, no início da carta em que relata ter conhecido Lotte<sup>6</sup> e igualmente, quando se refere à fala de Lotte em relação à sua mãe, na carta de 10 de setembro de 1771, dizendo: “como a letra fria e morta poderia reproduzir esta divina expansão do espírito?”<sup>7</sup>.

É fundamental notar o novo espírito crítico reinante no romance, a nova sensibilidade que aqui se insinua, iniciada sem dúvida com Rousseau na França e que logo a seguir será denominada de romântica na Alemanha. Aliás, a palavra “romântico” surge nessa obra, sendo atribuída ora à natureza ora ao estado de ânimo de Werther, ou seja, ora aparece como algo objetivo ora como algo subjetivo. Em relação a uma alameda, diz Werther: “esse lugarzinho, sem dúvida um dos mais românticos criados pela arte”<sup>8</sup> e numa carta a Lotte: “escrevo a você sem exaltação romântica”<sup>9</sup>. O termo romântico já vinha sendo empregado na França: é possível encontrá-lo, como adjetivo, em Rousseau, nos *Devaneios de um caminhante solitário*<sup>10</sup>. No entanto, há de se tomar cuidado com a periodização, pois embora seja correta a expressão “pré-romantismo”, atribuído ao período do *Sturm und Drang* [*Tempestade e ímpeto*], há diferenças significativas entre o “romantismo” tal como surgiu em Jena, na última década do século XVIII, e aquilo que ocorreu na Alemanha na década de 70 desse mesmo século. Tratava-se nesse momento de uma primeira afirmação da cultura alemã e de novos parâmetros críticos e teóricos, ao passo que o romantismo surgido posteriormente, embalado pelo espírito crítico kantiano, praticamente dá por consolidada uma certa “hegemonia” alemã, pelo menos no terreno filosófico.

Voltando ao romance, vemos que o tópico da afinidade entre a *alma* e a *natureza* anuncia-se fortemente na carta de 18 de agosto de 1771: a ardente sensibilidade do coração de Werther e a vida interior da natureza encontram-se interpenetradas<sup>11</sup>. Werther contempla os mais variados fenômenos ricos e sublimes da natureza, a qual considera calorosa e sagrada. Diante dela exclama: “como tudo isso penetrava em meu coração ardente, fazendo-me sentir como que deificado neste transbordamento, e moviam-se em minha alma as formas majestosas do mundo infinito, vivificando tudo!”<sup>12</sup>. E exprime o desejo de querer “beber cada impulso de vida ascendente deste cálice espumante do infinito, e sentir só por um instante, com a força ilimitada de meu peito, uma gota de glória do ser que tudo produz em e por si”<sup>13</sup>). Essa subjetividade nascente quer se expandir, “fazer novas descobertas” (carta de 21 de junho de 1771). Ao contemplar da colina o vale, Werther diz: “Um imenso horizonte visível repousa diante de nossa alma, o nosso sentimento

---

<sup>6</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 27

<sup>7</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 69; cf. também a carta de 10 de outubro de 1772; p. 100

<sup>8</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 68

<sup>9</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 127

<sup>10</sup> ROUSSEAU, J-J. Os devaneios do caminhante solitário, p. 71

<sup>11</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 62

<sup>12</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 62

<sup>13</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 63

mergulha nele, tal como o nosso olhar, e ansiamos, ah!, oferecer toda a nossa existência para absorvermos num êxtase um único sentimento grande e majestoso”<sup>14</sup>.

A essa relação com a natureza se associa a sintonia com o *povo* (carta de 15 de maio de 1771, cf. a cena da criada), com as pessoas simples do lugar (encontro com uma jovem, na carta de 27 de maio de 1771) e com as cenas idílicas de *crianças* (26 de maio de 1771). Na carta de 29 de junho de 1771, Werther defende o ideal do mundo infantil. Ele mesmo se considera uma criança, na carta de 8 de julho, e se apega aos irmãos de Lotte (carta de 15 de agosto de 1771), sendo repreendido por ser uma ameaça de desvirtuamento dessas crianças (início da carta de 29 de junho de 1771). *Homero* é o exemplo literário desse mundo ingênuo cultivado por Werther, autor que ele sempre está lendo (cartas de 13 e 26 de maio, e a de 21 de junho de 1771), se bem que aqui e ali emergem também referências a Klopstock, no fim da carta de 16 de junho de 1771, e a Ossian (carta de 10 de julho de 1771). Klopstock, a saber, pretendia ser uma espécie de renovador do gênero épico na Alemanha, mas na direção de uma épica um tanto quanto lírica e intimista, marcada pelo Cristianismo.

Junto a esses elementos do mundo próprio de Werther já se revelam *aqueles elementos estranhos* ao seu ser, quando se defronta, por exemplo, com pessoas da sociedade que ostentam o mero saber, como o jovem que conhece na carta de 17 de maio de 1771 e que tem a cabeça cheia de manuais sobre as artes<sup>15</sup>. Note-se a semelhança com o enfoque presente em *Poesia e Verdade*, livro VII, onde Goethe critica fortemente o formalismo estéril dominante na Alemanha da época. Na carta de 13 de maio de 1771 Werther se opõe aos meros livros, que lembra a oposição à mera teoria presente na resenha sobre Sulzer. Talvez a carta mais representativa disso seja a do dia 26 de maio de 1771, em que são mencionados de uma só vez Homero, o culto à natureza, a crítica às regras como atrofiadoras do sentimento e o tema do amor no horizonte da sociedade. O aspecto político de crítica social no romance nos remete para o fato de que um mundo artístico da sensibilidade somente se realizará diante de um mundo justo, livre em todos os sentidos da humanidade e não regido por regras abstratas. Diz Werther:

Isso fortaleceu o meu propósito de manter-me doravante unicamente ligado à natureza. Só ela é de uma riqueza infinita e só ela forma o grande artista. Muito se pode dizer em proveito das regras, como em louvor da sociedade burguesa... mas, em compensação, digam o que disserem, toda regra aniquila o verdadeiro sentimento e a verdadeira expressão da natureza!... Acontece o mesmo com o amor! Um jovem se apaixona por uma moça, passa o dia inteiro com ela e consome todas as suas forças, todo o seu vigor em mostrar a ela a todo momento o quanto está se entregando. E aí aparece um filisteu, um homem com um bom cargo público e diz-lhe: ‘Meu distinto jovem! Amar é humano, mas é preciso amar como um homem! Dividi o vosso tempo’... Se o rapaz obedecer, virá a ser um jovem

---

<sup>14</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 36-7

<sup>15</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 19

muito útil ... só que assim o seu amor acaba, e se ele for um artista, acaba também a sua arte<sup>16</sup>.

Um outro elemento crítico que permeia as páginas iniciais do romance diz respeito à *peculiaridade das artes*: inicialmente é a arte da *pintura* a ser tematizada, pelo desenho feito por Werther e mencionado nessa mesma carta de 26 de maio de 1771; a seguir, surge o caso da *poesia*, no começo da carta de 30 de maio de 1771, quando também é criticada a noção de classificação na poesia, isto é, os gêneros estreitos e estreitantes. O endereço é aqui o domínio das “regras” da poética tradicional. Ao mesmo tempo, essa problematização da especificidade das artes lembra as investigações de Lessing no *Laocoonte ou os limites da poesia e da pintura* e também o fato de que Goethe pretendia, em sua juventude, ser pintor. Na verdade, ele nunca deixou de ser desenhista em sua vida, como comprovam, por exemplo, as muitas gravuras e desenhos que fez em sua viagem à Itália.

Ainda no que se refere ao tema da pintura, voltemos novamente ao que já foi dito anteriormente sobre o caráter fortemente visual desse romance. Por mais que o romance de Goethe seja tomado pelo tema da interioridade dos sentimentos de Werther, por todos os lados da obra tem-se a presença de inúmeras imagens de grande vigor e vitalidade. Isso nos remete à ideia de uma subjetividade que, ao mesmo tempo em que se volta a si mesma, penetra na amplitude do mundo, na natureza. Estamos, de certo modo, a um passo da noção de gênio, tal como aparece em Kant como talento dado ao homem pela natureza. Conforme se vê nos *Lieder* de Goethe, cuja primeira inspiração são as canções populares, a ideia de subjetividade não significa um recuo meramente interior para a formalidade dos sentimentos, mas a expressão de uma penetração no todo da natureza. Quanto maior essa expansão, esse estar dentro (*innig sein*) no exterior, mais interior o sujeito se torna, mais amplo se torna a sua interioridade e vice-versa. A interioridade ou intimidade subjetiva que se apresenta no movimento *Sturm und Drang* não deve de modo algum ser confundida com a ênfase num racionalismo abstrato ou “cartesiano” determinado por um entendimento recolhido apenas em si mesmo. Pelo contrário, trata-se antes de uma reação a essa concepção de razão, tida por “superficial” e pouco profunda. Como ressalta Erich Trunz, no comentário à edição de Hamburgo: “É o romance da subjetividade, no entanto, nela está contida a totalidade do mundo e em todas as suas partes estão presentes de modo nítido os contrapesos contra a subjetividade”<sup>17</sup>.

Na verdade, todos esses elementos: a sintonia com a natureza, a descoberta da subjetividade, o ideal da criança, do povo e o ideal literário de Homero, em oposição ao mundo estreito e abstrato dos livros e da mera teoria, significa, no horizonte estético do século XVIII, a proposta de Goethe para a estética, no sentido de uma ampliação do horizonte da arte, ou seja, da sensibilidade e da imaginação. A imaginação é expressamente tematizada<sup>18</sup> e se apresenta também na rememoração da natureza como a terra natal<sup>19</sup>, um pouco antes de Werther escrever a carta que

---

<sup>16</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 22

<sup>17</sup> GOETHE, J. W. Die Leiden des jungen Werthers, p. 550

<sup>18</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 75

<sup>19</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 90

trata da derrubada das nogueiras. Outro fenômeno associado à livre expressão da imaginação são os passeios ao ar livre, junto à natureza, evocando a figura do andarilho (brevíssima carta de 16 de junho de 1771), o que lembra de novo os *Devaneios de um caminhante solitário* de Rousseau e a importância da paisagem como categoria estética.

A partir dessas primeiras cartas que esboçam tanto o caráter de Werther, bem como o cenário correspondente a esse caráter, arma-se então a atmosfera do romance para que possa entrar em cena o ponto culminante do *tema do amor*, como sentimento particular correspondente e ilimitado dessa atmosfera, embora seja ao mesmo tempo um fenômeno particular, individual e total (sobre o amor, confira-se especificamente a carta de 18 de julho de 1771). Tudo isso ocorre na longa e importante carta de 16 de junho de 1771, que nos apresenta o *encontro com Lotte*. O amor é o fenômeno que “dilata” os sentidos de Werther<sup>20</sup>.

Mas, como nos é apresentada Lotte e em que circunstâncias se dá o encontro de Werther com ela? Antes de mais nada, ela representa todo esse mundo apreciado por Werther, ficando evidente que Werther não tinha nenhuma condição de não sucumbir ao seu encanto, isto é, de resistir a ela: ela é uma pessoa simples, dedicada aos seus vários irmãos, possui aversão a certos livros, cultiva os hábitos simples, o estilo de vida doméstica e tem uma preferência pela dança à alemã, além de uma sensibilidade pela natureza, na referência que faz a Klopstock. Ao mesmo tempo, ainda nessa carta de 16 de junho de 1771 se colocam elementos que irão dificultar a relação entre ambos, a começar pelo comprometimento de Lotte com Albert, revelada *en passant* pela própria Lotte<sup>21</sup>, mas praticamente ignorado por Werther nesse momento. Ele apenas se dará conta desse fato que, aliás, já lhe fora anunciado anteriormente, antes mesmo da ida ao baile, bem como no momento da dança, quando uma senhora se aproxima de Lotte e a repreende levemente. A menção à arte da dança não é fortuita, pois ela permite o contato íntimo e “voar com o tempo”<sup>22</sup>, aspecto que será retomado por Goethe em *Poesia e Verdade* como um tema de sua juventude. Outro ponto que irá ser um entrave para a relação de ambos é o fato de Lotte ter de cuidar de vários irmãos, o que indica que o senso prático pela vida irá predominar no futuro, em sua escolha do pretendente Albert, o qual lhe permitirá uma maior segurança na vida.

Esse mundo do amor, como é de se esperar num romance de amor, logo começa a ser ameaçado, e isso se coloca pelo *lado da sociedade*, pelas exigências impostas pela sociedade ao indivíduo, a começar pela cobrança que faz a mãe de Werther e os parentes próximos para que ele aceite uma ocupação, um trabalho na vida (carta de 20 de julho de 1771). Mas, principalmente, a grande oposição ao ideal de Werther é *Albert*, não pela figura em si de Albert, pois Werther até mesmo o admira como homem, mas pelo que representa como ideal de vida. É aqui que entra em questão a carta de 12 de agosto de 1771, quando ocorre o único confronto efetivo entre Werther e Albert nessa primeira parte do romance. Note-se o expediente

---

<sup>20</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 66, na carta de 30 de agosto de 1771

<sup>21</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 33

<sup>22</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 32

romanesco de Goethe: assim como há uma carta um pouco mais longa dedicada ao encontro entre Werther e Lotte, há também outra carta mais longa que se refere ao encontro entre Albert e Werther.

O encontro com Albert tematiza outro tópico típico do pensamento do jovem Goethe, que se estende até o romance sobre o Meister, que é o confronto entre o homem entregue à paixão e o homem equilibrado, entre o artista e o homem do mundo. Num drama que Goethe escreveu alguns anos depois, *Torquato Tasso*, esse confronto ocorre entre Antônio e Tasso. Antônio, representante do homem do mundo, recrimina em Tasso o ideal do poeta incompreendido pela sociedade e afirma:

“Voltando-se a si mesmo [*Inwendig*], nenhum homem aprende a reconhecer o seu íntimo [*Innerstes*], pois ele aprecia a si mesmo segundo a sua própria medida, ora como sendo alguém muito pequeno ora, infelizmente, como sendo alguém muito grande. O homem somente no homem se reconhece a si mesmo, apenas a vida ensina o que cada um será”<sup>23</sup>

Mas como se dá o confronto entre Werther e Albert? Nessa carta, Werther exprime o que o desagrada em Albert, sua prudência nos assuntos, o fato de sempre se explicar muito, de postular o controle das paixões pelo raciocínio. Aqui reaparece o tema da crítica às regras sociais. Diz Werther para o destinatário de suas cartas:

“Você bem sabe que gosto muito deste homem, menos dos seus entretantos; pois não é evidente que toda regra tem exceções? Mas o homem está sempre se justificando! Quando ele pensa ter dito algo precipitado, genérico, uma meia-verdade, aí não para de traçar limites, modificar, suprimir e acrescentar, até que no final já não o ouvia mais; cai em depressão...”<sup>24</sup>

A seguir relata ter entrado numa discussão com Albert, ao defender a manifestação necessária das paixões, como algo natural que precisa exteriorizar-se. A partir desse encontro com Albert, até o fim da primeira parte, Werther começa a entrar numa certa tristeza, pensa que vai perder Lotte (carta de 21 de agosto de 1771). Para escapar disso até mesmo cogita de aceitar o emprego do embaixador, não pelo trabalho em si e sim como uma espécie de fuga da paixão que, ao que tudo indica, não é inteiramente correspondida. Diante disso, Werther decide afastar-se por uns tempos (carta de 10 de setembro de 1771). E assim passamos para a segunda parte do romance.

Nessa *segunda parte* do romance colocam-se dois grandes temas: a decisão de Werther de aceitar um trabalho e o retorno ao convívio com Lotte. Como já ficou indicado no fim da primeira parte, Werther se afasta de Lotte para se dedicar a um trabalho junto a um embaixador. Essa ocupação irá incomodá-lo muito, pois a vida burocrática e hierárquica é insuportável. Vemos aqui acentuar-se o aspecto da impossibilidade de reconciliação entre o indivíduo (sentimental) e a sociedade (que

---

<sup>23</sup> GOETHE, J. *Torquato Tasso*. Ein Schauspiel, p. 37

<sup>24</sup> GOETHE, J. *Os sofrimentos do jovem Werther*, p. 56

segue normas e preceitos), isto é, entre o indivíduo e as relações objetivas do mundo. Essa oposição já se demonstrava no diálogo entre Werther e Albert a propósito do tema do suicídio, em que Albert representa o ponto de vista do homem normal, ao passo que Werther é o “anormal”. Esse tema da oposição entre o indivíduo e a sociedade está na carta de 24 de dezembro de 1771 e de 8 de janeiro de 1772. Na carta de 17 de fevereiro de 1772 temos a oposição entre o trabalho de Werther e as exigências do embaixador, devido à “excessiva sensibilidade” que Werther sempre coloca em tudo que realiza. Na mesma direção, Werther reconhece ser um espírito inquieto e frágil. Na carta do dia 15 de março de 1772 é relatado o episódio do jantar na casa do conde, no qual se reuniu a sociedade da época e foi exigida a retirada de Werther daquele lugar, ou seja, ele foi convidado a retirar-se por não ser da mesma “classe”. Ele sai dali abalado e vai diretamente ler Homero ao pôr do sol. Diante dessa incompatibilidade entre o indivíduo e a sociedade, Werther acha impossível manter-se no emprego e pede a sua demissão no dia 24 de março de 1772.

No interior da segunda parte, o desespero de Werther diante da existência, diante das decepções tanto amorosas quanto decorrentes da sociedade, levam-no a eleger agora como modelo literário o *Ossian*, no lugar de Homero (carta de 12 de outubro de 1772). Essa troca de Homero por Ossian é significativa no romance: passamos do mundo límpido da natureza, da alegria grega pela existência heroica, portanto, do mundo relativamente guiado pelo belo (mundo grego), para o mundo sombrio e obscuro da sensibilidade dos heróis nórdicos, regulado pelo sublime, o que lembra o ideal da catedral de Estrasburgo, onde vem à tona o mundo medieval e germânico<sup>25</sup>. Quase no fim do romance, Werther lê trechos (quase seis páginas) de cantos de *Ossian* para Lotte. Essa escolha literária corresponde, portanto, a uma metamorfose que acontece no próprio íntimo de Werther. Há uma transformação em sua sensibilidade, que fica fortemente expressada na carta de 26 de outubro de 1772, quando ele se refere à insignificância da existência humana. Na carta de 19 de outubro de 1772 ele menciona o “terrível vazio que sinto”<sup>26</sup>; por isso, não suporta que Lotte e sua amiga falem sobre coisas do dia-a-dia, sobre a vida cotidiana, pois ele imagina que também o tratam como um objeto qualquer. Com isso, começa a derrocada, as forças de Werther parecem se extinguir, e isso curiosamente tem a ver com a chegada do inverno. Werther não sobreviverá o Natal! Ele exclama: “sem ela tudo se reduz a nada” (27 de outubro de 1772); “o coração está morto” (carta de 3 de novembro de 1772); bebe uma garrafa de vinho ao invés de um copo<sup>27</sup>. O destino do homem, considera, é carregar uma cruz<sup>28</sup>.

A situação de Werther começa a se acentuar mais ainda à medida que encontra pessoas que sofrem assim como ele, como o louco que queria colher flores, que coincidentemente fora escrevente na casa de Lotte (carta de 30 de novembro de

---

<sup>25</sup>Goethe escreveu “Sobre a arquitetura alemã”, em 1772, um texto sobre a catedral de Estrasburgo, inteiramente num tom sublime, que incide tanto sobre o modo como o sentimento do espectador reage à aproximação da catedral quanto sobre o modo como é apresentada a obra arquitetônica em si (GOETHE, 2008, p. 39-49).

<sup>26</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 101

<sup>27</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 104

<sup>28</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 195

1772), e principalmente com o *lavrador*, que Werther conhece numa cena idílica da primeira parte do romance, na carta de 30 de maio de 1771<sup>29</sup>. Ele o reencontra agora na segunda parte do romance, depois de ele ter sido demitido pela viúva que ele amava, por tê-la assediado<sup>30</sup> e que matou o novo doméstico, como ficaremos sabendo no fim do romance pelo editor das cartas de Werther<sup>31</sup>. Esses destinos paralelos levam Werther a apressar a sua decisão de “partir”. Note-se que Goethe joga aqui com esse dado e com a mensagem inicial do editor, logo na abertura do romance, sobre a solidariedade com o destino infeliz de Werther: “e você, boa alma, que como ele sente também o ímpeto, console-se dos sofrimentos dele e faça deste livro um amigo, quando não puder achar, por força do destino ou por sua própria culpa, alguém mais próximo”<sup>32</sup>.

Nessas páginas finais da segunda parte vem à tona a temática do mito de Prometeu, que consiste na *recusa de uma divindade condutora da vida humana*. Na carta de 30 de novembro de 1772, Goethe se refere a um Deus que abandona o homem<sup>33</sup>. O poema *Prometeu*, por seu lado, que Goethe compôs na época, conclui ressaltando fortemente o domínio humano e sua contingência e isso numa atitude de enfrentamento do divino: “Pois aqui estou! Formo Homens/À minha imagem,/Uma estirpe que a mim se assemelhe:/Para sofrer, para chorar,/Para gozar e se alegrar,/E pra não te respeitar,/Como eu”<sup>34</sup>. Note-se que tudo se concentra na última palavra “eu”, ou seja, na afirmação da egoidade. No romance do Werther, porém, essa subjetividade não pode ser compreendida apenas a partir de si mesma, uma vez que a cercam a natureza e a sociedade. Temos nesse sentido um certo abandono dessa ideia de uma subjetividade vigorosa, que sozinha pretende dar conta de uma nova visão de mundo, enfim, de uma estética. A saída para essa subjetividade, que será também a saída romântica adotada posteriormente por Hölderlin no romance *Hipérion ou o eremita na Grécia*, é a comunhão com o infinito mediante a morte. Werther diz: “Vou ter com meu Pai ... voarei ao seu encontro para agarrá-la e ficarei ao seu lado na presença do infinito, num eterno abraço”<sup>35</sup>.

A *parte final do romance*, na qual entra em cena o editor como narrador, possui antes de tudo a função de articular o desenlace daquilo que ocorre depois de Werther ter se suicidado. Seria incoerente Werther narrar a sua própria morte, embora ele o faça, de modo antecipatório, por meio de bilhetinhos e breves anotações, encontrados posteriormente. Seja como for, o fato de o editor assumir a narrativa remete à circunstância de Werther estar tão dominado pelos sentimentos, à beira da loucura, que não consegue mais articular narrativamente, com sã consciência, os seus atos. Por outro lado, seria igualmente incoerente se uma série de fatos importantes para o enredo do romance, como o pedido de Albert a Lotte para que abandone Werther, bem como a reação final de Lotte diante da morte pré-

---

<sup>29</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 25

<sup>30</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 94, carta de 4 de setembro de 1772

<sup>31</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 117-18

<sup>32</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 10

<sup>33</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 110

<sup>34</sup> GOETHE, J. Poemas, p. 27

<sup>35</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 142

anunciada por Werther, fosse tratada numa carta de Werther mesmo. Nesse ponto intervém a função do narrador.

É inclusive interessante notar que nessa parte final pela primeira vez temos a impressão de *penetrar no universo específico de Lotte*, pelas palavras do editor. É como se a cegueira do amor de Werther impedisse o leitor de perceber na justa medida o carácter de Lotte pelas cartas de Werther ao longo do romance; afora o fato de que todo o romance é conduzido pela interioridade de Werther expressada numa espécie de monólogo intimista na forma de cartas epistolares. É quase inevitável supor que Werther possa ter se enganado a respeito de Lotte, como sói acontecer nos assuntos de amor. Ou melhor: as duas versões sobre Lotte, a de Werther mesmo e a do editor, não se combinam plenamente. Segundo o próprio Goethe, é nesse momento que podemos penetrar na “alma de Lotte”<sup>36</sup>, nos perguntar finalmente se ela amava ou não Werther<sup>37</sup>. Embora fique dividida entre Albert e Werther, parece que Lotte quer manter Werther ao seu lado, mas não como amante e sim como amigo<sup>38</sup>. No episódio antes do Natal, em que ela pede para que ele não fique indo todo dia para a sua casa, ela inclusive sugere que ele se case com outra pessoa e que então poderão ser amigos<sup>39</sup>. Quase no fim do romance, há também uma transformação de Lotte, depois de Werther ter tentado forçosamente abraçá-la e beijá-la<sup>40</sup>, o que indica que ela tinha uma certa afeição por ele<sup>41</sup>.

Seja como for, toda essa parte final do romance possui uma forte concentração na interioridade de Lotte, que até aquele momento, principalmente na primeira parte do romance, pouco aparecera. Para ficar no paradigma da visibilidade do romance, ela era algo como uma “estátua viva”, mas imóvel, um reflexo das ideias e expectativas de Werther. Somente agora ela toma a dianteira no romance, na conversa com Werther para que a visite menos, na dúvida que tem em contar o incidente do abraço e beijo de Werther para o marido Albert, na cena da entrega das pistolas ao criado de Werther<sup>42</sup>, na reação diante da morte de Werther e no presentimento deste ato.

Ficam como registro final duas outras referências que poderiam complementar a análise precedente: o testemunho de 02 de janeiro de 1824 das *Conversas com Eckermann* e o livros XII e XIII de *Poesia e Verdade*. Na primeira obra Goethe afirma que seu romance não está ligado a uma questão de época e que reflete uma etapa da vida de todos aqueles que se sentem oprimidos pelas relações sociais nas quais estão inseridas. Na segunda obra temos todas as circunstâncias da origem do romance sobre o Werther, pois o romance se baseou, segundo Goethe, num fato real, que foi o suicídio de um rapaz chamado Jerusalém. Ainda uma outra interpretação, a de Anatol Rosenfeld, valeria a pena ser considerada. Segundo sua

---

<sup>36</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 124

<sup>37</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 129

<sup>38</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 120

<sup>39</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 125

<sup>40</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 139

<sup>41</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 142

<sup>42</sup> GOETHE, J. Os sofrimentos do jovem Werther, p. 145

leitura, “mais do que a exaltação amorosa, o que na realidade destrói o jovem Werther é seu subjetivismo exacerbado, nutrido pelo pietismo”<sup>43</sup>.

## BIBLIOGRAFIA

- GOETHE, J. W. *Die Leiden des jungen Werthers*, Band 6, Hamburger Ausgabe, München, DTV, 2000
- \_\_\_\_\_. *Os sofrimentos do jovem Werther*, trad. de Erlon José Paschoal, São Paulo, Estação Liberdade, 1999
- \_\_\_\_\_. *Escritos sobre arte*, introd., trad. e notas de Marco Aurélio Werle, São Paulo, Humanitas/Imprensa Oficial, 2 ed., 2008
- \_\_\_\_\_. *Memórias: poesia e verdade*, trad. de Leonel Vallandro, Brasília, Editora da UnB, 1986, 2 vol. 2 ed.
- \_\_\_\_\_. *Poemas*, trad. de Paulo Quintela, Coimbra, Centelha, 6 ed., 1986
- \_\_\_\_\_. *Torquato Tasso. Ein Schauspiel*, Stuttgart, Reclam, 1969
- LONGINO, *Do sublime*, trad. de Filomena Hirata, São Paulo, Martins Fontes, 1996
- MATOS, L. F. B. F. “O solilóquio de Werther” In: *Arte e filosofia no idealismo alemão*, org. por Marco Aurélio Werle e Pedro Galé, São Paulo, Barcarolla, 2009
- ROSENFELD, A. “Introdução”, In: *Autores pré-românticos alemães* (intr. e notas de Anatol Rosenfeld), São Paulo, EPU, 1991
- ROUSSEAU, J-J. *Os devaneios do caminhante solitário*, trad. de Fúlvia Maria Luiz Moretto, 2 ed. Brasília, Editora da UnB, 1986

---

<sup>43</sup> ROSENFELD, A. “Introdução”, In: Autores pré-românticos alemães, p. 20